

outro

92

RELATÓRIO DE UMA VISITA À JUGOSLÁVIA

Data: de 23 a 30 de Março de 1978

Delegação: Olívio Pires, membro do C.E.L.

José Nancassa, membro do C.S.L.

Francisco Sifra, membro do C.N.G.

PAIGAL

A visita se efectou a convite da Aliança Socialista do Povo Trabalhador da Jugoslávia (A.S.P.T.J.).

A delegação foi recebida pelo Chefe do Departamento de Relações Exteriores da Aliança, Branko Vuletich

e teve reuniões de trabalho com:

Presidente da Aliança, Marin Cetinich

Presidente da Comissão de Relações e Cooperação Internacional, Alexander Bekotchetchich

Delegação dos Sindicatos

Delegação da Juventude

Membros da Associação dos Combatentes

Secretário da C.C. da Liga

A delegação efectou ainda uma reunião com os estudantes da Guiné e Cabo Verde, residentes em Belgrado. Também a delegação visitou a República de Bósnia-Herzegovina.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A nossa delegação foi bem acolhida; teve a oportunidade de trabalhar com responsáveis vários da Aliança. As reuniões decorreram num clima amistoso e de camaradagem quer permitiu à delegação apreender algo de experiencia jugoslava.

A reafirmação da opção da via socialista baseada na auto-gestão, do princípio do não-alinhamento e seus corolários, assim como a luta contra as tendências hegemónicas e de imposição de modelos de desenvolvimento, são constantes em todas as conversações.

Porçoso é constatar afinidades grandes entre a nossa situação, as nossas opções e a jugoslávia.

A jugoslávia é um país de cerca de 250 mil quilómetros quadrados e pouco mais de 20 milhões de habitantes. Mosaico de povos e problemas o que se costuma traduzir dizendo que tem:

- 7 vizinhos (Itália, Austria, Hungria, Roménia, Bulgária Grécia e Albânia).
- 6 Repúblicas (Sérvia, Croácia, Bósnia-Herzegovina, Eslovénia, Macedónia e Montenegro).
- 5 Nações (servos, croatas, eslovenos, macedónios e montenegrinos)
- 4 Religiões (católica, ortodoxa, islâmica e judaica)
- 3 Idiomas (servo-croata, macedónio e esloveno)
- 2 Alfabetos (latino e cirílico)
- 1 Estado

Compreende ainda várias nacionalidades:

Albaneses, húngaros, turcos, eslovacos, romenos, bulgaros, italianos, tchecos, ciganos, que constituem cerca de 12% da população.

O Estado jugoslavo tem cerca de 50 anos apesar dos povos que o integram serem portadores duma longa história. Longa, rica, mas também cheia de sofrimentos, uma luta secular e quase permanente de libertação nacional.

Os jugoslavos são bastante orgulhosos do facto de terem oposto uma resistência heróica aos agressores nazis, durante a II Guerra Mundial, e que conduziu à sua libertação, quase sem qualquer ajuda externa.

O Partido Comunista (a LIGA) desempenhou o papel motor na resistência à dominação de Alemanha Fascista mas soube agregar outras forças sociais através duma ampla frente popular de luta, que hoje constitui a Aliança Socialista do Povo Trabalhador da Jugoslávia.

A Aliança é considerada como uma forma de associar na acção a classe operária com outras camadas da população numa plataforma política das mais amplas.

Compreende a Liga dos Comunistas, força político-ideológica dirigente, a Confederação dos Sindicatos, a Federação da Juventude Socialista e a Federação das Associações dos Combatentes da Guerra de Libertação nacional e todas as organizações sociais e associações de cidadãos, num total de cerca de 300.

Basta dizer que a Aliança tem um número de membros equivalente a 61% da população total para se fazer uma ideia do seu bojo.

A sociedade jugoslava é considerada (vem expressa na constituição) uma sociedade autogestionária, na qual o papel do Estado tende a reduzir.

A organização socio-económica da República assenta no livre trabalho associado; os meios de produção pertencem à sociedade mas não são autogeridos pelos trabalhadores no que se refere à produção e sua distribuição.

Numa primeira fase da Revolução, afirmam, houve a necessidade de o Estado apropriar dos principais meios de produção. Realizou-se uma reforma agrária em proveito dos pequenos e médios proprietários e dos camponeses sem terra.

As nacionalizações na indústria, no comércio, nos transportes, e outros sectores de actividade permitiram a criação de um importante e poderoso sector de Estado que lançaria as bases para a industrialização maciça.

Esta fase, denominada, por eles, de socialismo administrativo, que duram 10 anos é considerada por todos como necessária e mesmo inevitável, pois só a concentração de todos os recursos e sua correcta utilização permitirão garantir a estabilidade política e mobilizar a população, dar novas bases à uma sociedade devastada pela guerra.

Esta concentração só se pôde fazer centralizando o poder nas mãos do Estado e mediante uma planificação rigorosamente centralizada.

Após uma outra fase de transição, que também durou 10 anos, os dirigentes populares consideram estar na fase de socialismo autogestionário.

Esta nova fase foi ditada pela própria realidade social e política. Por experiência verificara que a colectivização na agricultura com base no cultivo comum não resultou num aumento da produtividade.

Também referem que na procura de uma nova via que rejeitava o modelo único, portanto soviético, foram vítimas de um bloqueio (em 1947 as importações provenientes do campo socialista representavam 56% da importação total e as exportações 53% do total, em 1949 as trocas reduziram-se a 14% do comércio exterior e 1950 reduziram-se a zero. Calcula os prejuízos em 430 milhões de dolares de então, sem contar as despesas militares e a interrupção de várias obras e planos de investimento e produção).

A Jugoslávia é hoje um país que ultrapassou o subdesenvolvimento. Não sabemos se graças à auto-gestão. Afirmam que a auto-gestão não é mais uma utopia mas um facto que deu já provas de eficácia na Jugoslávia

Quanto a nós parece-nos ser uma experiência que deva ser conhecida e aprofundada, pois não pudemos comprovar se a sua prática corresponde à sua formulação teórica, um tanto aliciante.

Os Jugoslavos insistem bastante no princípio de que várias são as vias podendo conduzir ao socialismo.

Reafirmam o princípio da sua independência e do direito de cada um escolher a sua via para o desenvolvimento e dizem lutar contra toda a tentativa da imposição de modelos de fora.

Que se opõem aos Partidos Comunistas que querem criar ou impôr o seu modelo em África e fomentar agrupamentos.

A Liga, dizem, defende estar aberta à toda discussão, na igualdade sobre os princípios. Mantém relações com Partidos Comunistas, sociais-democráticas, sem ter em conta diferenças ideológicas, por vezes chegando a ser contraditórias. Mesmo os Partidos republicanos e democráticos dos E.E., U.U. chegam a manifestar desejos de ter contactos com a Liga Comunistas

Uma das suas mais preocupações, que dominará talvez o próximo Congresso, é a realização da democracia óptima; como combinar a democracia nos vários sectores de actividade com a existência dum Partido único, como realizar os interesses dos trabalhadores, como guiar a sociedade sem imposições.

Afirmam que o movimento comunista se encontra em transformação profunda no sentido de se adaptar às condições objectivas; que há graves conflitos nas relações entre os Partidos Comunistas mas o processo é positivo, pois isso poderá permitir aos Partidos Comunistas libertarem-se dos dogmas, transformarem-se em forças verdadeiramente nacionais e assim, se libertarem da imagem negativa criada do socialismo.

Admitem que o socialismo já deu provas de valor e eficácia (a URSS e China, etc) mas que falta desenvolver estruturas democráticas. Talvez isso explique a procura por parte dos Partidos Comunistas Ocidentais de um outro modelo- o eurocomunismo -baseado na luta sem violência e no respeito pelas instituições democráticas.

Sobre a social-democracia acham estar em crise, pois não puderam realizar o socialismo em país algum. Assim, procuram inserir nos seus programas o máximo de princípios socialistas.

Referem-se ainda a uma crise nos não-alinhados resultante do Estado de transição em que muitos países e partidos se encontram; que não

of

...///...

se conseguiu , muitas vezes, transformar os programas de luta contra o colonialismo em programas de desenvolvimento da sociedade; outras vezes surgem contradições na elaboração desse programa; que há contradições entre países não-alinhados.

Também chamam a atenção para a incursão ideológica da social-democracia em África, visando com isso quebrar a unidade dos não-alinhados impedir que cada país busque a sua própria via, que não será decerto nem euro-ocidental nem euro-oriental.



**PARTIDO AFRICANO DA INDEPENDÊNCIA DA GUINÉ E CABO VERDE**

N/ Ref : 289/78

Praia. 30/6/78

V/ Ref :

*Olívio Pires*  
*Ass.pts.*  
*M. Félix / Emigrados*  
*26.7.78*  
*Ass.pts.*

A (o) : Camarada Presidente  
do CNCV do PAIGC

De :

Junto enviamos: **um exemplar do Relatório da nossa visita à Jugoslávia em Março passado**

Para conhecimento.. . . . .	<input checked="" type="checkbox"/>
Para parecer . . . . .	<input type="checkbox"/>
Para apreciação <del> . . . . .</del>	<input type="checkbox"/>
Conforme vosso pedido.. . . . .	<input type="checkbox"/>
A título devolutivo . . . . .	<input type="checkbox"/>

**Saudações Fraternalis**

OBS :

**O Secretário do Conselho  
Nacional de Cabo Verde**

*Olívio Pires*  
**(Membro do C.E.L.)**